

UM DOS MAIS RENOMADOS ARQUITETOS ISRAELENSES PASSEIA PELAS AVENIDAS E EIXOS DE BRASÍLIA, FICA ENCANTADO COM A PUREZA DAS LINHAS E GARANTE: "A CIDADE CRESCU, ESTÁ VIVA. MUDOU MUITO E PARA BEM". DAVID REZNIK É EX-DISCÍPULO DE OSCAR NIEMEYER.

ELOGIOS AO MODERNISMO

Sandra Lefcovich
da equipe do Correio

David Reznik passeia extasiado pelo museu vivo do modernismo. Para ele, nada como a Brasília monumental. Discípulo de Oscar Niemeyer? "Cem por cento", responde. "Não sei se ele me considera discípulo, mas com muito orgulho eu digo que, sem Oscar, eu teria abandonado a escola de arquitetura. Não poderia fazer outra coisa". Hoje, aos 72 anos, Reznik é um dos mais importantes arquitetos israelenses.

"Carioca da gema", como ele próprio se define, emigrou para Israel em 1949. Está no Brasil desde semana passada, patrocinado pelo Ministério das Relações Exteriores israelense. Já esteve em São Paulo, fez palestra na UnB, foi recebido pelo vice-presidente Marco Maciel e percorreu com o Correio Braziliense alguns pontos da capital brasileira.

Para quem viu Brasília em 1958, 1974 e 1987, a versão 1996 é Alentadora: "Cresceu, está viva. Mudou muito e para bem", comenta. Para Reznik, a cidade é o maior exemplo das teorias modernistas de desenho urbano e talvez o único bem sucedido. É uma imagem viva de uma idéia viva, afirma. Chandigarh, idealizada por Le Corbusier na Índia na década de 50, não chegou a se desenvolver plenamente, lembra ele.

O arquiteto defende o tombamento da cidade feito pela Unesco: Brasília, que ganhou o selo de Patrimônio Histórico da Humanidade antes dos 30 anos, deve ser preservada em seus princípios urbanísticos. Mas Reznik não é xiita: "O mundo não é povoado só por gente bonita", compara. "Tem gente com nariz torto". Então, bem-vindas outras correntes arquitetônicas. Mesmo aquelas às quais ele, pessoalmente, torce o nariz.

Os novos prédios, batizados em inglês, do Setor Comercial Norte, por exemplo: "Estou cansado desses quebradinhos dos pós-modernos", comenta o arquiteto. Reznik semeia dúvidas sobre o legado pós-modernista à história da arquitetura. Em compensação, o modernismo, para ele, vai permanecer como marca de uma época.

"Uma escola de arquitetura tem que ter base ideológica e a modernista tem essa base", diz. "Quando você fala de arquitetura moderna, o Brasil teve uma época, entre 35 e 40, em que esteve na liderança mundial", argumenta.

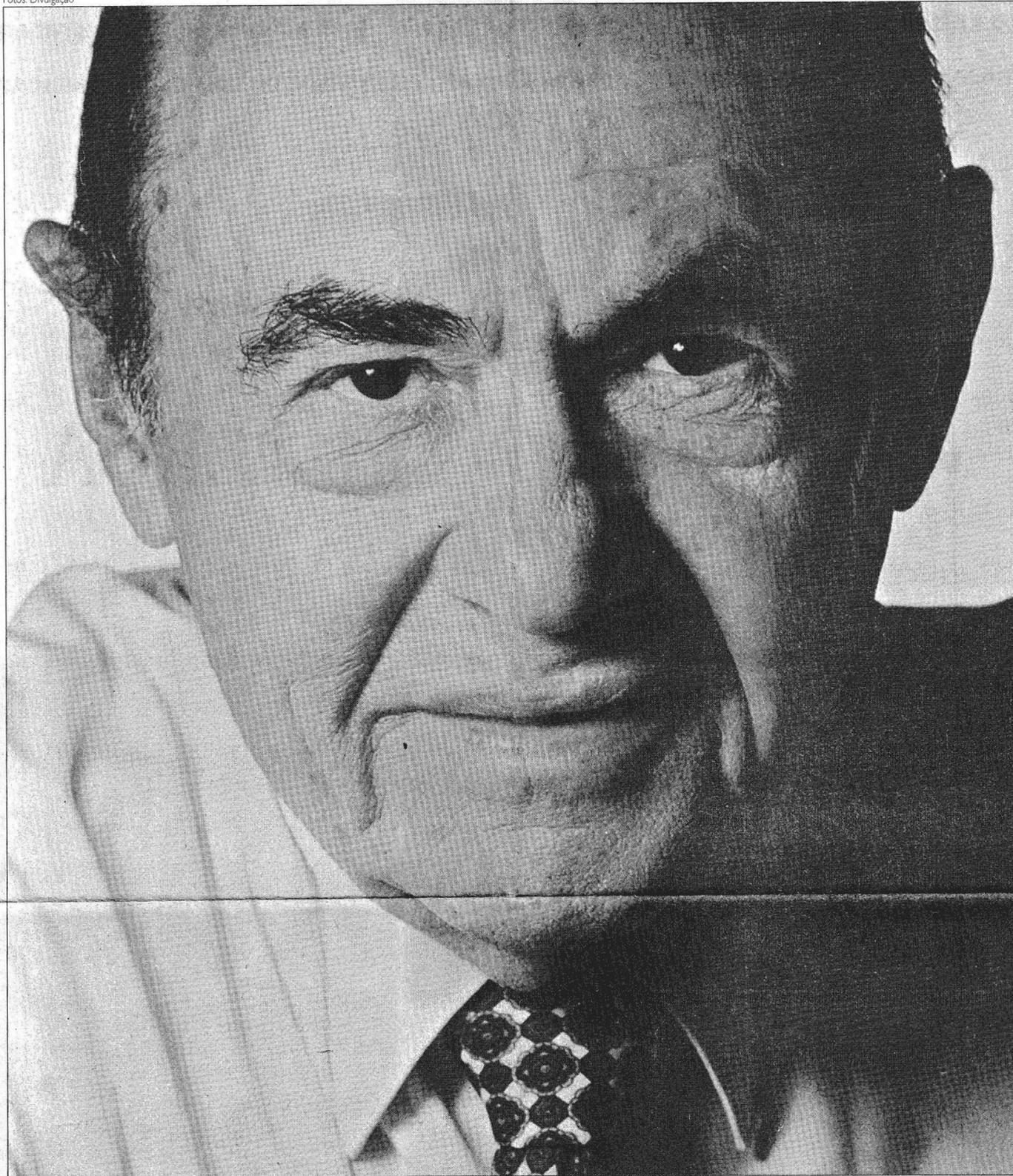
Le Corbusier jogou a semente que os brasileiros Lúcio Costa e Oscar Niemeyer souberam cultivar. A primeira grande obra pública no país que seguiu os parâmetros modernistas foi o ministério de Educação e Saúde (atual Palácio da Cultura), criado no Rio de Janeiro em 1936. O ministro de Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, encomendou o projeto que foi orientado por Le Corbusier e realizado por Lúcio Costa, Niemeyer e equipe.

PASSADO

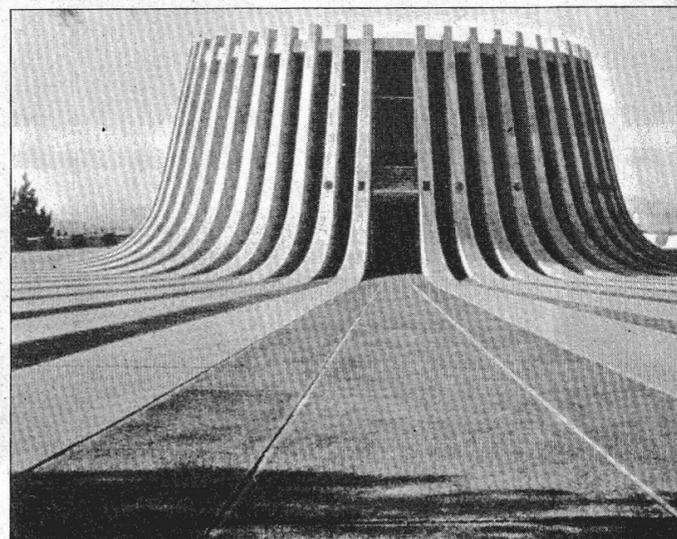
Foi justamente esse edifício que tirou a virgindade ideológica de Reznik. No primeiro ano da escola de Belas Artes, no Rio dos anos 40, os professores advertiam os alunos: "Nunca façam uma arquitetura desas. É comunista". O tiro saiu pela culatra. Só serviu para despertar a curiosidade dos estudantes, que no dia seguinte correram a se maravilhar com o ministério da Educação projetado segundo os princípios de Le Corbusier.

Na lista dos mais importantes arquitetos do século vinte, Le Corbu-

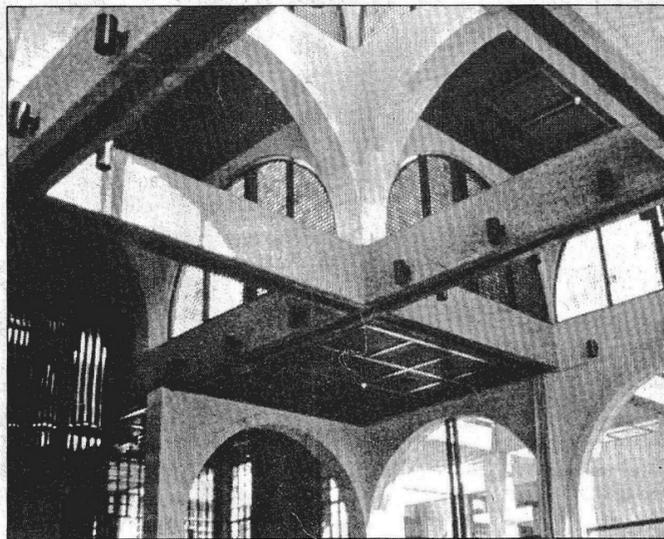
Fotos: Divulgação



David Reznik crítica a arquitetura pós-moderna impregnada nos edifícios do Setor Comercial Norte: "estou cansado dos quadradinhos pós-modernos"



O Kennedy Memorial é um dos prédios projetados por Reznik, em Jerusalém



Reznik é o autor das colunas suspensas do Centro de Estudos do Oriente Médio

sier, nascido na Suíça em 1887 e estabelecido na França até sua morte, em 1965, usou as características do concreto armado para integrar e aproveitar o espaço de forma inteiramente nova. Seus princípios exigiam o uso de pilotis (colunas sus-

tentando o edifício acima do solo); telhados planos; fachada livre (colocação de janelas sem nenhuma limitação estrutural); plano livre (independência entre a estrutura e as paredes). Qualquer semelhança com Brasília não é mera coincidência.

A partir daí foi um pulo. Em 1944, no segundo ano da escola, a sorte cruzou o caminho de Reznik. Em pleno carnaval, surgiu a oportunidade de desenhar no escritório do Niemeyer. Com o mestre, ficou cinco anos.

Criticar os mestres modernistas, nunca. Ele, que até tem uma certa semelhança física com Niemeyer, deixa espaço para reclamações sobre a pouca funcionalidade de alguns prédios. Mas ressalta: "É inegável que eles (Costa e Niemeyer)

deram um empurrão à arquitetura. Visionários não têm contato com a realidade, mas são a locomotiva que toca pra frente".

IDÉIAS

Quando avista ao longe os ministérios, não esconde o encanto. "Olhe a pureza das linhas, a harmonia". O cartão-postal de Brasília — a Esplanada dos Ministérios — desperta sua curiosidade: como esse espaço é ocupado pelos brasilienses? Ao saber que os habitantes não tomaram posse — fora o uso instrumental do dia-a-dia para o trabalho —, ele lembra do mall de Washington.

O mall da capital dos Estados Unidos abriga intensa atividade cultural e de lazer provocada por museus e restaurantes. Reznik sugere aproveitar o vazio verde entre as pistas do eixo monumental. Por exemplo, o terreno poderia ser escavado para dar lugar a um anfiteatro.

Sobre a crise de identidade que sofre Brasília — construída para um poder estatal gigantesco que hoje procura o minimalismo, e sem fontes próprias de arrecadação — o arquiteto compara com outras capitais: Washington tem mais sem-teto que outras cidades norte-americanas e Jerusalém é o primeiro lugar a sentir o impacto de problemas na economia de Israel.

Talvez a capital brasileira seja o último moicano da época de Le Corbusier. Mas é uma cidade de caráter especial, como Paris, Nova York, Jerusalém ou Rio de Janeiro, conclui.

PEDRAS

Em 1949, um ano depois da independência de Israel, David Reznik e sua mulher, a pernambucana Raquel, emigraram para o novo estado. Lá, além da convicção ideológica da necessidade de ajudar a construir um lugar para os judeus como eles, o arquiteto pôde tentar criar sua própria forma de expressão.

Em Jerusalém, a cidade que o casal elegeu para viver, uma lei britânica de 1918, mantida até hoje, exige o uso da pedra nas construções — com o objetivo de manter a unidade plástica do conjunto arquitetônico. Reznik conta que teve de aprender a fazer arquitetura moderna sem seu elemento essencial, o concreto. Hoje, faz arquitetura moderna com pedra.

Foi na cidade de 3 mil anos que ele realizou mais de 30 obras. Entre as mais famosas, o Hotel Hyatt, o Monumento ao Soldado Morto, o Memorial Kennedy e a sinagoga da universidade. "Meu sonho é que Jerusalém se torne um museu da arquitetura, abrangendo todas as escolas", diz Reznik.

O arquiteto voltou ao Brasil para fazer sua síntese. Entre 1974 e 1976, projetou a embaixada e a residência do embaixador de Israel em Brasília. "Para mim, foi um momento de grande revelação espiritual", avalia. "Saí daqui com uma bagagem determinada e de repente voltei ao Brasil vindo do Oriente Médio, que por intermédio dos mouros da Espanha e de Portugal já havia influenciado o desenvolvimento da arquitetura brasileira".

Ele gosta de conversar. Sentado no sofá da residência do embaixador, lembra os princípios que seguiu para fazê-la: "É tudo modular — 6x6, 6x12 ou 6x18; tem muito de barroco, e não parece Oscar (Niemeyer) mas tem muito dele". Quando o embaixador Yaacov Keinan indaga sobre o lugar que a residência tem para Reznik em sua obra, ele diz com humildade: "São vocês que devem responder."